



# CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga  
Presidente do ISB

Artigo nº 90/2009  
Contatos: secretaria@isb.org.br

## VIOLÊNCIA E DROGAS

Não é preciso nenhum esforço de alinhar razões para ligar os dois assuntos do título deste Correio. Toda a população do Rio sabe que o comércio da droga é o fator que mais incrementa a violência em nossa Cidade, apesar de haver, desde sempre, a criminalidade independente deste comércio.

Grandes polêmicas giram em torno dessas questões: Enfrentamento duro com o crime, repressão e tolerância zero, violência contra a violência, ou polícia de paz, serviços públicos nas favelas, envolvimento das comunidades? Criminalização mais forte sobre o tráfico, combate sem tréguas, ou descriminalização, liberação da droga, modelo holandês?

Não dedico grande simpatia ao Governador Cabral, mas reconheço sua habilidade política e sua competência administrativa, por exemplo, na escolha dos seus auxiliares. Ele sabe manter razoavelmente o equilíbrio no fio da navalha. Escolheu um bom secretário de segurança, instituiu e começou a implantar a Polícia Pacificadora, com dois ou três exemplos bem exitosos, enquanto a polícia continua matando massivamente, num confronto cada vez mais selvagem que atinge somente, praticamente apenas, a classe trabalhadora e a excluída. Este dado é importante, é essencial mesmo: fora os poucos cariocas de classe média atingidos por balas perdidas desse confronto selvagem, as vítimas são, todas, da classe trabalhadora. São bandidos, informa a Polícia e a população influente acredita, ou faz que acredita, pensando que os poucos mortos por engano não são vidas valiosas. Não fosse assim, tenho para mim que a matança não prosseguiria por tanto tempo.

Em recente entrevista ao JB, o Governador salientou os bons resultados da Polícia Pacificadora, afirmou que pretende ampliá-la mas que é um projeto caro, que exige um grande aumento do efetivo policial e também melhorias salariais. Eu me lembro de um discurso meu no Senado, ao tempo do forte combate à criminalidade feito há anos em Nova Iorque (a famosa tolerância zero), em que eu comparava dados dos efetivos policiais por mil habitantes, do Rio e de Nova Iorque: lá o número era cinco vezes maior! Assim, eu concluía, era preciso pelo menos triplicar o efetivo policial do Rio, além de prepará-lo e remunerá-lo melhor. Sai caro, sim, evidentemente, muito caro, mas é uma questão de prioridade, e prioridade se traduz em percentual do orçamento. E aí entra a questão de classe: se não fosse só da classe trabalhadora o monte de vidas ceifadas, acho que esse efetivo teria já sido pelo menos duplicado. Minha opinião.

O Governador falou também sobre a questão das drogas, na entrevista mencionada. Disse que, pessoalmente, era até a favor da liberação, mas que essa era uma decisão que só poderia ser tomada com respaldo internacional e paralelismo de outros países, para que o Brasil não virasse o gigantesco paraíso dos drogados do mundo todo.

Palavras sábias, a meu juízo. Concordo inteiramente com elas. Repito que, não tendo simpatias por ele, acho o Governador Cabral um político de extraordinário bom senso, e seu secretariado, quase todo, muito bom.

---

Instituto Solidariedade Brasil - ISB

Av. Beira Mar, nº 216 - Térreo  
Rio de Janeiro - RJ

www.isb.org.br

Tel: (21) 2285-3702  
e-mail: secretaria@isb.org.br



# CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga  
Presidente do ISB

Artigo nº 90/2009  
Contatos: secretaria@isb.org.br

E quero, neste ponto, aproveitando essa revelação da preferência do Governador, desvendar outra questão de classe embutida aí, e nem sempre referida: as vítimas são da classe mais pobre mas o financiamento do aparato bélico do tráfico vem da classe média, ou média-alta. Isso tem de ser ressaltado, porque significa que uma grande parte da nossa sociedade, uma parte que tem poder e tem dinheiro, tem influência política, tem a preferência da mídia, essa grande parte quer a droga, quer manter o comércio da droga, onde se abastece para seu prazer, puramente prazer, não para seu vício. Os que sustentam o tráfico e pagam o seu armamento cada vez mais caro e poderoso, não são os viciados, relativamente poucos, mas são os muitos brasileiros, moradores do Rio, que têm poder aquisitivo, que precisam da droga para sustentar o seu hedonismo refinado.

É um fenômeno mundial, claro, ocidental, é verdade, mas não só do Brasil e do Rio, razão pela qual cresce no ocidente a corrente favorável à liberação (viva a droga...). Acho até que findará prevalecendo, mas enquanto se mantém a criminalização, e conseqüentemente esse duro combate mortal, seria importante, decisivamente importante, ganhar esta parte poderosa da sociedade para colaborar na repressão, parando de consumir drogas, parando por uns meses pelo menos, um sacrifíciozinho, oito, dez, doze meses, talvez não seja tão difícil, dar um pouco de si nesse esforço de guerra, em vez de continuar incitando a polícia, gritando furiosamente que bandido bom é bandido morto e, hipocritamente, fazendo passeatas e mais passeatas pela paz. Ora!

---

Instituto Solidariedade Brasil - ISB

Av. Beira Mar, nº 216 - Térreo  
Rio de Janeiro - RJ

[www.isb.org.br](http://www.isb.org.br)

Tel: (21) 2285-3702  
e-mail: [secretaria@isb.org.br](mailto:secretaria@isb.org.br)